

CÓLERA

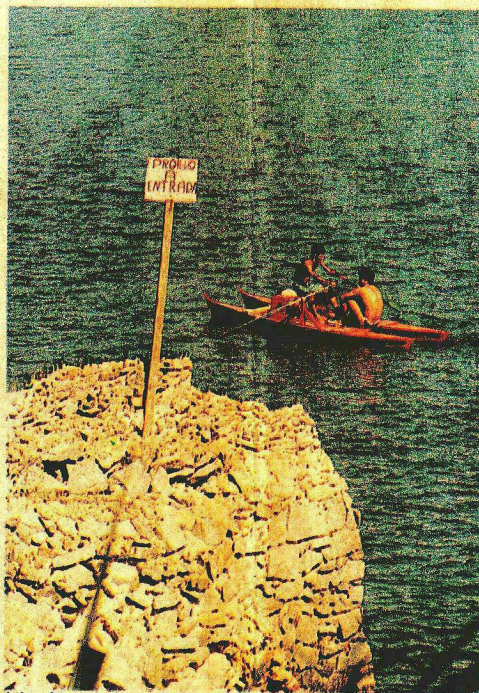
**A Grande São Paulo
registra mais dois casos
e o número de suspeitos
no Estado beira os 430.**

Mais dois casos de cólera foram confirmados na Grande de São Paulo, um deles autóctone. Trata-se de um homem de cerca de 60 anos, que mora no Jardim São Luiz, zona Sul da Capital, próximo à represa de Guarapiranga, numa casa com serviço de água e esgotos. De acordo com o presidente da Comissão de Prevenção à Cólera, Otávio Mercadante, o doente não viaja há meses, mas consumiu recentemente verduras, peixe e mariscos crus.

O outro doente foi atendido em Vargem Grande Paulista, município da Grande São Paulo, onde mora. Os técnicos suspeitam que ele tenha contraído a doença numa viagem ao Rio. A Cetesb está analisando amostras de água da represa de Guarapiranga e dos córregos da região de Vargem Grande Paulista, para verificar se há contaminação. De acordo com Mercadante, “o número de casos suspeitos gira em torno de 430 em todo o Estado, hoje”.

O auxiliar de enfermagem C.M.L., 45 anos, é o mais novo suspeito de cólera da cidade. Ele foi internado ontem no Hospital Municipal Ermelino Matarazzo com sintomas da doença após ter feito um passeio à praia de Itararé, em São Vicente. O resultado do exame de fezes deve ser anunciado na quarta-feira. Hoje, o laboratório divulga o laudo de S.G.S., 24 anos, internada na última sexta-feira e liberada no sábado, após ser medicada e reidratada. Ela visitou o município baiano de Itiuba no dia 23 e, de volta a São Paulo, apresentou os sintomas no último dia 30, quando foi encaminhada ao hospital. O terceiro suspeito foi notificado ontem por um centro de saúde do bairro, e dispensado após ser medicado.

“A maior preocupação deve ser a orientação de pessoas que têm contato com esses doentes para que adotem hábitos de higiene preventivos”, diz o diretor



No litoral o perigo do vibrião

do Nepi, Nilton Alves de Oliveira. Visitas semelhantes foram feitas aos locais dos outros suspeitos. O caminhoneiro L.A.S., 38 anos, internado desde a última terça-feira no Ermelino Matarazzo, deve ter alta hoje. O resultado do seu exame foi negativo para cólera, apesar dos sintomas — diarreia líquida intensa e vômitos, se assemelharem aos da doença.

O auxiliar de enfermagem continua em observação. Ele banhou-se na praia de Itararé, próxima à ilha Porchat, onde foi confirmada a contaminação de mariscos pelo vibrião da cólera. “Ele fez lanches nas barraquinhas à beira-mar, mas não comeu nenhum fruto do mar ou peixe”, afirma Oliveira. C. mora no conjunto habitacional do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo na Cidade A.E.

Carvalho, em Itaquera, servido por rede de água e esgoto. Lá, porém, a equipe do Nepi encontrou um vazamento na tubulação de esgoto e pediu providências à Sabesp. A mulher e os três filhos de C., sem sintomas, receberam medicação preventiva.

Em Santos, oito prefeitos das cidades litorâneas pediram ao ministro do Bem-Estar Social, Jutahy Magalhães Junior, US\$ 8 milhões para o combate à cólera. São Vicente registrou os primeiros três casos autóctones do Estado e 26 suspeitos. O pedido inclui linha de crédito especial para a compra de máquinas e equipamentos para obras de dragagem e limpeza dos canais e valas que recebem esgoto a céu aberto. No Guarujá, os últimos quatro casos suspeitos são negativos. Nesses exames, foi descoberto um surto de shigella, bactéria que provoca sintomas semelhantes à cólera.

No Rio, mais dois casos de cólera foram confirmados ontem pelo Instituto Noel Nutels, aumentando para 237 o número de pessoas contaminadas desde o início do ano no Estado. As vítimas são uma mulher de São Gonçalo, e uma menina, de sete anos, da favela da Rocinha que soma agora sete casos. Ela é vizinha do cozinheiro Manoel Saraiva Neto, que trabalha no restaurante Garota do Pepino, em São Conrado, na Zona Sul e continua internado no Hospital Miguel Couto. Ele teria contraído a doença na semana passada e a Secretaria Municipal de Saúde coletou amostras de todos os 14 funcionários do restaurante. Os resultados deverão ficar prontos hoje. Segundo o diretor do Instituto Noel Nutels, Gilson de Souza, “o que mais preocupa os moradores da zona Sul, são os trabalhadores — garçons e domésticas — que vivem na favela da Rocinha e trabalham em casas de família e restaurantes da área”.